



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Votre, Sebastião Josué

O estado da arte nos estudos sobre discurso, conteúdo e significado na educação física

Movimento, vol. 9, núm. 1, enero-abril, 2003, pp. 47-65

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115317983004>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

O estado da arte nos estudos sobre discurso, conteúdo e significado na educação física

Sebastião Josué Votre

Kundera: "... ninguém possui a verdade, e todos merecem ser respeitados".

Resumo: uma proposta de teoria semiótica das atividades físico-desportivas se apresenta aqui num quadro pancrônico e uniformitário, a partir de uma série de postulados, indutivos e prospectivos e de pressupostos para uma teoria semiótica gesto-verbal, situacionalmente dada. Privilegia-se o grupo, onde se originam, se desenvolvem e se consolidam as alternativas de produção, reprodução e interpretação das atividades simbólicas. Admite-se um contínuo na dimensão arbitrariedade e motivação signica e se propõem as unidades de significação como objeto de análise. Oferecem-se sugestões para um programa mínimo de metodologia da pesquisa na semiótica das atividades físico-desportivas e das representações sociais. Postulam-se ancoragem e objetivação como ferramentas de análise na educação física e se discutem os pressupostos de trabalho nas novas tendências teóricas. Por fim, apresentam-se questões a investigar, no contexto semiótico.

Palavras-chave: semiótica, postulados, representações sociais, ancoragem, objetivação.

Neste artigo, procedemos a uma visão do estado da arte da semiótica das atividades físico-desportivas. Apresentamos uma abordagem para o uso das sociolinguagens sob um ponto de vista **pancrônico** e **uniformitário**, segundo o qual as mesmas tendências presentes hoje, na cultura, atuaram em fases anteriores e continuarão a atuar no futuro. Formulamos uma série de postulados, indutivos e prospectivos, em favor dessa hipótese. Conceituamos **linguagem** como sistema de comunicação parcialmente estável, portador de códigos relativamente elaborados e

definidos, através dos quais se organiza o pensamento, se transmitem mensagens de comandos, e se expressam idéias, sensações, sentimentos e impressões. A teoria da atividade humana (com foco na dimensão linguageira) prevê que no grupo se originam, se desenvolvem e se consolidam as alternativas de produção, reprodução e interpretação. Tal atividade é histórica e situacionalmente datada, e se verifica em membros de grupos socioculturais específicos. A abordagem é um sócio-diagnóstico da cognição e comunicação humana, que ajuda a entender como conjuntamente os humanos constroem suas representações, suas práticas comunicativas e suas interpretações.

Postulados para uma teoria semiótica das atividades físico-desportivas

Os postulados procuram dar conta da ecologia da cultura. Focalizados na interação, enfraquecem a iniciativa e a autoria individual. Pressupõem que o grupo é a fonte das práticas que, em função da frequência de uso, se sistematizam, se regularizam e se automatizam. A expectativa é que captem a dinâmica e os resultados do desenvolvimento da vida cultural no interior do grupo e ajudem a compreender as inter-relações entre linguagem, desenvolvimento coletivo e individual.

Eis uma formulação sucinta dos postulados:

Os membros de um grupo **constroem**, conjuntamente, **modos relativamente padronizados** de agir, interagir, perceber e interpretar a vida quotidiana.

Esses **modos padronizados**, à medida que se repetem, e em função do grau de prestígio associado a quem os utiliza, tornam-se **práticas e processos culturais**.

O grupo utiliza tais práticas e processos para participar da vida cotidiana e para construir eventos sociais.

Através da repetição das práticas e processos, o grupo desenvolve uma história compartilhada de produção, interpretação e expectativa, que se torna um recurso dos seus membros.

Esse repertório de expectativas se transforma em padrão e ponto de referência, com que os membros julgam a si mesmos como naturais, e aos membros dos demais grupos como estranhos.

Com o correr do tempo, e com o uso, os padrões se tornam invisíveis para os membros do grupo, a menos que uma expectativa seja quebrada, ou que um membro atue de modo inesperado, resultando uma quebra do padrão.

Quando ocorre tal quebra de padrão, os membros do grupo a apontam, uns para os outros, e recordam, uns aos outros, as expectativas em relação ao padrão violado.

Reparos e sanções maiores ou menores podem então ocorrer, dependendo da força que o grupo exerce sobre os infratores.

Quando a quebra de padrão se dá no plano da interpretação, os membros do grupo têm mais divergência do que no plano da prática. Eles podem interpretar a quebra como uma diferença na compreensão e no conhecimento dos processos, conteúdos e práticas. Eles podem falhar no reparo ou na renegociação de sentido com os participantes rebeldes.

Os padrões e práticas vigentes no interior do grupo são continuamente negociados, no afã de construir conteúdo, contexto, sentidos e atividades da vida cotidiana.

Do lado institucionalizado do tecido social, o sistema todo tende a criar modos de controlar a lealdade e de punir o desviante. Os rituais, os símbolos e os textos institucionais atuam de forma concorrente, fornecendo punição, prêmios e privilégios, bem como criando novos símbolos de poder e de saber no uso do corpo. O processo de 'fetichização' é então irreversível.¹

Camadas complexas de padrões, expectativas e práticas podem variar, numa base individual, e de acordo com cada situação contextual. Entende-se, portanto que os padrões e as práticas no interior do grupo nunca são fixos, mas estão sempre em negociação.

Sobrepassa aos níveis técnico e tático um nível estético, que confere leveza, graça e prazer aos interactantes.

¹ Entendemos que o fetichismo da linguagem é um dos processos míticos em que nos movemos, dado que atribuímos à linguagem um poder que resulta do social, pois é no social que está a força que sanciona, atualiza e registra, constrói e ratifica o que os atos ilocutórios enunciam. Nesse sentido, uma releitura de Austin e Searle permite entrever, em sua aparente timidez, em assumir que fazemos o mundo com palavras, uma profunda consciência da ilusão do poder na epiderme do significante, dado que o mesmo poder que atribuímos às palavras nasce e se estabelece em nós, como grupo.

A investigação semiótica

A semiótica das atividades físico-desportivas nutre-se dos conceitos e métodos que se mostraram mais relevantes para o estudo do Imaginário e das Representações Sociais, no quadro da teoria social contemporânea, relacionadas à natureza simbólica das atividades físico-desportivas

Uma ementa básica de semiótica das atividades físico-desportivas deve conter: teorias sobre o signo – o signo nas diferentes linguagens e abordagens – signo visual e sonoro, signo visual estático e dinâmico – dimensões estruturais do signo – dimensões sócio-históricas do signo na cultura brasileira – interface entre significante e significado – interpretação e superinterpretação do significado – abordagens estrutural e pós-estrutural do significado – semiótica da atividade humana – semiótica e imaginário social e das representações sociais – aplicação da semiótica no estudo dos significados das atividades físico-desportivas.

Pressupostos para uma semiótica gesto-verbal

O domínio da semiótica é o signo-texto, concebido como prática significante, provocadora de significados no intérprete, repositório de significados do autor, e lugar de novas sínteses.

O estudo dos signos textuais apóia-se nas investigações sobre o corpo-sujeito emissor e sobre a história de cada sujeito, construída na interação.

O papel central da semiótica é observar e interpretar os sistemas significantes.

Na atividade interpretativa, lança-se mão de toda ferramenta que favorece uma nova incursão no universo semiótico.

As derivações no plano do significado são metafóricas e metonímicas e imagéticas.

Ao lado das transformações e reformulações superficiais, coexistem processos lentos de deriva, que vão minando as estruturas mais duradouras, e acabam resultando em inclusão da cultura em novas tipologias.

Arbitrariedade e motivação sígnica

Pode-se propor uma escala crescente de arbitrariedade na produção sígnica. Todo signo, em seu nascedouro, seria motivado, e com o tempo tal liame tenderia a enfraquecer-se, por desgaste, resultante da ritualização, da codificação e do automatismo da repetição. Paralelamente, todo signo, em seu início seria marcado por uma relação intencional, entre expressão e conteúdo, forma e função, significante e significado. Os signos podem classificar-se em pelo menos cinco grandes grupos:

- F signo imotivado (o universo sígnico, em geral, sem relação causal);
- F índice (natural, naturalizado, baseado em relações de causalidade, implicação, proximidade e outras): cor sombria do céu é indício de tempestade iminente; febre é indício de infecção; os mapas de meteorologia, associados ao texto de meteorologia, são ícones;
- F sinal (normalmente intencional e motivado, explícito, com relação de *um para um* entre a expressão e conteúdo); setas na estrada; vermelho no trânsito;
- F ícone (em princípio, natural, motivado, na relação existente entre expressão e conteúdo). Ex: as estátuas, imagens da hagiografia, estátuas de personalidades, fotografias. Visa a reproduzir, transferindo;
- F símbolo (supostamente opaco e figurativo na relação entre forma e conteúdo; complexo, na relação entre o autor, a superfície do significante e o leitor). Resulta do estabelecimento de convenção. A opacidade decorre das derivações de sentido operadas no curso de sua existência. Ex: a cruz, para o cristianismo: conhecemos a história da origem, do objeto, que se tornou símbolo; ou a suástica, para o nazismo: não conhecemos tão bem a história da origem, do objeto, dado que foi importado da tradição brâmane e budista, como o gama maiúsculo, representante da felicidade, da salvação e da salvação.

As unidades de significação, como objeto de análise

O objeto de análise pode ser a forma, mas o momento atual da pesquisa privilegia o conteúdo, o discurso, o significado das atividades físico-desportivas. Aparentemente, está-se a falar de coisas distintas, mas de fato trata-se de variantes da mesma entidade.

O viés da orientação tende a privilegiar análise do discurso, interpretação 'produtiva', etnometodologia, representações sociais, imaginário social, etnografia, semiótica: abordagem micro, com foco nas contribuições dos indivíduos para a produção de significados, ações e reações, em situação real de interação e práxis.

A essência do material semiótico: são os sons da voz humana, as imagens produzidas pelos humanos, estáticas ou em movimento, e a combinação de sons e imagens.

Sugestão de programa mínimo de metodologia da pesquisa na semiótica das atividades físico-desportivas:

Alternativas teóricas e metodológicas para a produção acadêmica; elementos indispensáveis do projeto de pesquisa: o papel do problema e da problematização do tópico a ser investigado; alternativas de implementação-piloto ou de análise preliminar de amostra reduzida; identificação e descrição dos principais instrumentos disponíveis para coletar/organizar os dados a serem analisados; orientações para análise e interpretação dos dados/discussão dos resultados; orientações de forma e conteúdo para a redação de projeto.

Por uma metodologia semiótica das representações sociais

Uma visita à produção dos programas de pós-graduação sobre educação física, esporte e lazer permite identificar estudos das atividades físico-desportivas e lazer em situação real de interação. As pesquisas se verificam em tempo real, em espaços geográficos delimitados e com dados coletados segundo metodologias plurais.

A listagem preliminar dessa tendência mostra a expansão da pesquisa empírica da educação física, esporte e lazer no Brasil: o aumento do número de dissertações e teses em vários programas

de pós-graduação; os grupos que começam a proliferar no país sinalizam o surgimento de uma semiótica brasileira, e não mera cópia e ajuste dos modelos importados.

A abordagem do discurso e da prática, na análise da educação física, esporte e lazer, mostra ênfase nas metodologias qualitativas e a observação das condições pragmático-comunicativas.

Os estudos apontam para um viés social e antropológico na área, que com atenção para identidade, etnia, localização geográfica e gênero; sua progressiva extensão aos grupos dos marginalizados e dos excluídos; sua postura de apoio explícito às políticas de inclusão.

Há uma opção consciente e explícita pela descrição densa e pela interpretação contingente e circunstanciada da análise das representações e das práticas; há foco no *como*, e diminui a preocupação de *explicar, dizer o porquê, querer entender*, dentre outros objetivos analíticos.

Pressupostos de trabalho nas novas tendências teóricas

O pressuposto inicial de trabalho do pesquisador, nesta tendência *situada*, não-essencialista, é que ninguém possui a verdade, e todos merecem ser compreendidos. Logo não há teorias superadas, nem teorias corretas.

Não há padrão de referência para compararmos grau de adequação da abordagem escolhida. O critério de escolha é o nível de satisfação que cada proposta provoca, na comunidade discursiva em que a mesma se produz. Portanto, podemos falar em teorias mais ou menos *satisfatórias*, segundo o grau que preencham os interesses dos seus proponentes e usuários.

No momento em que se verificam desmontes nas propostas paradigmáticas fechadas, não cabe optar por uma formulação exata, estrita e restritiva de uma só abordagem teórica. Convivemos com tendências de fusão dos opostos e dos complementares, em que as disciplinas se unem ou reúnem em parcerias inter, multi e transdisciplinares. A parceria, o grupo representam, assim, modos privilegiados de produção em laboratório, tanto nas ciências humanas e sociais quanto nas ciências duras.

A memória científica nos impele ao racionalismo, ao conceptualismo e ao dogmatismo da ciência. Em seu movimento

inercial, essa memória nos instala no positivismo, donde a dificuldade que experimentamos, de abandonar as metáforas do *descobrir, desvelar, achar*, e substituí-las pelas metáforas do *propor, inventar, criar, produzir, quase-reproduzir, arremedar, remendar, emendar*.

Cabe-nos o exercício de textualização de *insights* e de alternativas de leitura prospectiva, a partir de dados do presente, localmente dados. Devemos procurar indícios de rupturas mais ou menos bruscas, e de continuidades mais ou menos estáveis, na quadra dominante do fazer científico ocidental.²

Os pressupostos acima elegem a dimensão pragmática, pós-estruturalista, ou estruturalista atenuada na investigação da educação física, esporte e lazer. Mas levam em conta que é para nós praticamente impossível produzir conhecimento livre do viés positivista, ou do encanto da deusa razão, da certeza racionalista.

Essa frente de atuação da pesquisa é transdisciplinar, com reflexões sobre a natureza, os significados, as complicitades e as funções da educação física, do esporte e do lazer. A busca de superação supõe refinamento e redefinição das categorias analíticas e das dimensões mais imediatas, situadas no aqui-e-agora.

O preço da opção pelo viés interpretativo é a perda da certeza, e a instauração do possível, pouco ou muito provável. Nesse quadro gelatinoso a retomada e a revisita de alguns postulados está na ordem do dia, assim como a retomada de princípios que refletem a tônica do final do século dezenove, em que as ciências sociais se fundaram, à imagem e semelhança das ciências duras ou exatas, como *físicas do social*.

O desenvolvimento de abordagens pragmáticas situadas, atentas ao que se passa no momento de interação e ação, resulta dessa atitude de flagrar o acontecimento, descrevê-lo **densamente**, sem o propósito de esgotá-lo, aprisioná-lo, ou controlá-lo.

Até que ponto tal tendência se verifica, é difícil comprovar. Caminhamos nessa direção, mas não podemos precisar nem prever qual vai ser o futuro desse movimento. Para os adeptos da

2 O Ocidente é concebido como um mito orgânico, e ganha força na medida em que dita condutas, assumindo crenças, revelando certezas. Com o Ocidente o mundo se revela. Ou seja, o Ocidente enquanto mito, evolui e ganha, assume a dimensão de verdade originária. O horizonte, como ponto de fuga, assume a dimensão de totalidade. Ele é a separação entre o céu e a terra, entre o alto e o baixo. Ordena o mundo verticalmente (terra e céu) e horizontalmente, entre a parte da terra que tem luz e aquela que tem sombra. Oriente/ Ocidente.

exatidão o mesmo pode soar como quase-delirante, embora marcado por rigor, constância e seriedade.

O movimento se caracteriza pelo exercício constante e incessante da autocrítica, do retirar do próprio tapete, pelo prazer de trilhar ou abrir novos caminhos, e enfrentar novos desafios.

Cada produção é interpretada como índice de algum ritual, que pode se encontrar em diferentes níveis de codificação e automatização.

A presente proposta pode e deve fazer parceira com a Filosofia da linguagem e com a Semiótica pós-estruturalista, na discussão das abordagens não estruturadas da relação entre forma e função. Outra parceria com a Antropologia cultural³ e com a Etnometodologia,⁴ resulta, entre outros aspectos, na reposição do indivíduo como centro de interesse do estudo, pelo que ele faz, e pelas intuições e representações que tem sobre o seu fazer. Essa parceria representa rejeição do pressuposto segundo o qual o indivíduo seria um idiota cultural, mero reproduzidor de estruturas.

As parcerias representam a manutenção de um núcleo duro de conceitos e instrumentos de análise em que se confere atenção especial aos elementos do contexto de prática. Abre-se espaço para os arquétipos e os elementos míticos inoculados na consciência, como formadores da mesma e coadjuvantes na estruturação ou na deterioração do acontecimento.

Questões a investigar, no contexto semiótico

A comunidade discursiva do estudo do uso da educação física, esporte e lazer, procurará responder a uma série de perguntas, centrais a quem se envolve com essa temática:

Qual o impacto do nosso lugar no mundo sobre a prática e a produção de conhecimento a respeito de tal prática? Embora possamos relutar em aceitar o peso do contexto em nossa formação, surpreendemo-nos a agir e falar segundo os parâmetros que nos circundam, a evidenciar as representações correntes.

3 A exemplo do que se verifica em Clifford Geertz, com sua abordagem semiótica da cultura, em *A Interpretação das Culturas*, Guanabara/Koogan, Rio, 1989.

4 São bons exemplos, em tradução portuguesa, os textos de Alain Coulon, respectivamente *Etnometodologia*, e *Etnometodologia e Educação*, publicados pela Vozes, em 1995.

Cabe, pois, indagarmo-nos sobre se temos alguma contribuição efetivamente nova.

Qual a relação que se estabelece, em nós, entre copiar, adaptar, inovar e renovar? Lemos adivinhando, inferindo, torcendo, propondo leitura, sem suficiente atenção para um possível dado, um possível estabelecido, na interface entre o autor e o texto, e entre ambos e nós, leitores e analistas. Portanto, são até certo ponto fantasias as interpretações que propomos, sob o rótulo de análises do conteúdo.

Talvez, não leiamos, mas – como o propõe **Rorty** – apenas viajemos, nessas mesmas fantasias, reagindo aos textos. Num certo sentido, concordamos com Eco,⁵ em dar prioridade ao texto. Cremos na inovação, como reação ao conflito, na impossibilidade de conseguir consenso.

Laboramos num contexto complexo, e num emaranhado, em que diferentes fatores, de vária natureza, confluem e convergem o que resulta em um atuar ao mesmo tempo geral, previsível, e singular. Logo, o que se manifesta escapa de certo modo ao controle do produtor, porque é o corpo todo, em sua totalidade inalcançável, que ao mesmo tempo age na **gesta** e na **fábula**. Num contexto único, em que a gesta, isto é, as atividades corporais são reanalisadas e reinterpretadas como linguagem corporal.

Que relações se podem estabelecer entre o *self* e a educação física, esporte e lazer? Somos, e estamos constituídos como entidades languageiras.⁶ Pois na linguagem corporal nos manifestamos, na e da linguagem corporal nos construímos, como textos corpóreos. Estamos mergulhados no mundo simbólico, misterioso e recôndito em que nos imaginamos.⁷

Somos seres semiológicos, fundados na e pela corporeidade, construídos no cientificismo da civilização ocidental, como macrossignos, sob o domínio do símbolo, em que nos

5 ECO, Umberto *et al.* *Interpretação e superinterpretação*. Martins Fontes: São Paulo, 1997

6 Esta é a perspectiva sustentada por **Richard Rorty**, em *Contingência, Ironia, Solidariedade*, publicado pela Presença, Lisboa, 1994.

7 Estamos assumindo imaginar, imaginação e imaginário na acepção do imaginário social, como museu de imagens dinâmicas em que nos humanizamos no simbólico. Como **Gilbert Durand**, em *A imaginação simbólica*, Cultrix, 1984, entendemos que é preciso nos libertarmos do iconoclasmo, e nos restituirmos ao mundo mítico, encantatório, que o Ocidente cristão mutilou na nossa civilização.

reatualizamos, nos reafirmamos e reformamos como significantes, e nos ressignificamos, como significados, a cada contexto, sem nos perdermos no social, nem nos garantirmos como únicos, a não ser em pequenos fragmentos estilísticos. Os quais, por sua vez, dizem das filiações, cumplicidades e alianças.

Qual o nosso compromisso com as teorias sociológicas subjacentes aos mecanismos que conferem validade, verificabilidade, verossimilhança e testabilidade ao que propomos? Até que ponto os códigos e os ritos da educação física, esporte e lazer, que utilizamos, resultam do que aprendemos com os outros, na interação? Como distinguir entre produção original e reprodução parcial, associada à interpretação radical, paranóica ou não?

A verdade, fabricada e não descoberta, se torna contingente, passível de ser aprovada ou reprovada, tendo em vista o sistema de crenças, a descrição escolhida e o propósito visado por quem a descreve e por quem a recebe e interpreta.

O mundo da cultura se constrói sobre e com imagens. Com efeito, as primeiras e as últimas inferências, apoiadas em intuições impalpáveis, e em provas evidenciárias robustas e aparentemente suficientes, privilegiam a imaginação, as imagens e, como seu produto mais tangível, a metáfora.⁸ O mundo da educação física é pouco mais do que um mundo de textos, discursos, frases, cujas palavras são imagéticas, cujo vocabulário é pouco mais do que um pelotão de metáforas, umas poucas frescas e originais, a maioria moribundas ou mortas, mais ou menos opacas, em processo de cristalização ou fossilização,⁹ distantes do sentido literal.

O vocabulário¹⁰ de imaginação, metáfora e autocriação é apresentado e privilegiado como uma alternativa de escolha em face de um vocabulário de verdade absoluta, de racionalidade e de obrigação moral. Configura-se, assim, um novo mundo utópico,

8 A tradição dos estudos do imaginário privilegia a metáfora, embora a metonímia e a sinédoque representem um contingente apreciável no museu imagético.

9 Cristal ou fóssil representam pontos de chegada de trajetórias. A primeira metáfora alude a meios líquidos, que pela evaporação resultam em cristais, enquanto fóssil remete às cadeias de mudanças que resultaram na transformação de seres vivos em meios sem vida.

10 O termo é utilizado aqui no sentido não técnico, e equivale, aproximadamente, a discurso, texto, com seus sentidos correlatos entrelaçados.

consciente de sua utopia e da validade operacional da mesma. Nesse novo mundo, imagético na sua fundação e no seu constituir-se, o processo de auto-enriquecimento é mais valorizado do que o processo de autodepuração. Num movimento de construção, mais que de desconstrução, ao valorizar-se a agregação, a incorporação e a inovação por acréscimo e assimilação, desenfata-se a metáfora do escultor, do autodepurador, que se aperfeiçoa por renúncia, por desistências e por *emagrecimento*.

O processo de reinvenção e de refazimento do sujeito – como entidade em cuja identidade a natureza simbólica é constitutiva – consiste muito mais em mobiliar de novo a própria casa – em produzir-lhe novos móveis e novo *design* – do que em tentar escorar a casa em terreno sólido; caracteriza-se bem mais na tentativa de redescrição¹¹ original do que na procura de fundamento verdadeiro.

Ancorada no fundo dessa bacia semântica, emerge nova objetivação, sob a imagem do ironista liberal, o novo personagem desse mundo contingente, em que estamos em constante projeto de redescrição e reformulação, em processo de autocriação.

O auto-enriquecimento do ironista liberal está ancorado na capacidade de tecedura de um novo vocabulário, cujo enredo, alcance e complexidade indica o grau de intersubjetividade e de profundidade das trocas com outros vocabulários. Do que se depreende o papel central do discurso, do diálogo, dos textos, dos livros, e dos documentos em geral, na mudança – por crescimento – de vocabulário e no próprio enriquecimento pessoal.

Esta proposta interativa se formula em oposição às propriedades da anamnese, aos truísmos e às intuições antigas e novas, bem como em oposição à suposta capacidade interna e inerente de mudar, ao processo de **metánoia**.¹² A proposta opõe-se também à alternativa da inferência monologal, dado que se postula a possibilidade contingente de mudar pela redescrição, redescrição essa que somente ocorre na interação com outros vocabulários.

11 O prefixo re-, aqui e em outras formações vocabulares, reveste-se do sentido do novo, e não do sentido da repetição; não consiste em mais do mesmo, e sim em um projeto de constituição genuína – até o ponto em que se pode pensar no genuíno.

12 Processo de conversão de origem interior.

Segundo podemos inferir do mapeamento da cultura ocidental, a civilização judaico-cristã, centrada na crença de que a linguagem (e sua controladora, a mente, a alma) provêm de um ente superior, e de que ambas, portanto, representam e revelam fatos, leva-nos a acreditar *na verdade de uma declaração com a tese de que o mundo se divide, por si próprio, em fragmentos em forma de frases, chamados fatos*.¹³ Cada um de nós se constrói e é construído com matéria discursiva. Na camada mais recôndita¹⁴ de nossa subjetividade, somos signos linguageiros, em que as diferentes linguagens se articulam de forma complexa e com configurações individuais imprevisíveis.

De que lado estamos? Da poesia ou da tecnologia? Nesse contexto devemos assumir-nos a nós mesmos como auxiliares do poeta e não do físico.¹⁵ Tal postura, segundo a qual diante de nós não existe qualquer verdade, não representa um ataque à postura oposta. Antes, tenta-se tornar esteticamente atraente o vocabulário e o discurso que merece seu favor, “mostrando como pode ser utilizado com engenho e arte para descrever vários assuntos”. Pode-se mostrar, por um efeito cascata, como uma visão contingente da linguagem leva a uma visão contingente do sujeito e da consciência, e como ambas levam a uma imagem do progresso intelectual e moral em termos de “metáforas cada vez mais úteis, e não como história de uma compreensão cada vez maior do modo como as coisas de fato são”.¹⁶

A função pragmática de ferramenta de atuação sobre o outro, de recurso para fazer o outro ver e conceber o mundo como o emissor o vê e o concebe, e para fazer o destinatário tomar atitudes, assumir crenças e desejos do locutor. Os homens mudam o mundo ao mudar sua linguagem.

Algumas perguntas se estabelecem, para quem pesquisa sobre educação física, nesta nova vertente semiótica: como se formularia um projeto de repensar a memória social da educação física, e o papel do documento, num contexto de cognição situada, de construção sócio-histórica de conhecimento? Que papel atribuir ao indivíduo, e à sua capacidade inventiva, num

13 Ibidem, p. 26.

14 Se admitirmos a metáfora cebolar, de várias camadas progressivamente menos inclusivas e mais centrais.

15 Ibidem, p. 29.

16 Ibidem, p. 31.

contexto socializador da escola, em que os padrões emergem e tendem a nivelar os participantes em termos de expectativas, processos e práticas culturais? Como oportunizar a emergência do poeta forte e do ironista liberal, capazes de ensaiar o novo e de rir de suas próprias investidas de ensaio-e-erro, na construção de sua subjetividade, de sua consciência e de seu eu? Em que termos pode o professor revestir-se dos traços do ironista e do crítico literário, na sua navegação por textos e discursos infundáveis, na sua própria orientação, bem como na orientação dos alunos, em busca de métodos de construção do inusitado? Como escapar do próprio reducionismo pragmatista e contribuir para a análise crítica e aberta dos mecanismos e estratégias discursivas de produção de identidade dos grupos minoritários?

Ancoragem e objetivação no discurso da educação física

Segue-se uma proposta específica de uso dos conceitos de ancoragem e objetivação – que se podem traduzir pelas dimensões metonímica e metafórica, respectivamente. Ou pela combinação desses dois conceitos, em termos mais ou menos indefinidos sobre onde termina metonímia e onde começa a metáfora.

As linguagens da interação humana podem ser reanalisadas em vista de sua relação com essa dupla forma de representar o abstrato pelo concreto. Assim se podem examinar a linguagem verbal e as linguagens da música, dos gestos motores nos esportes e no trabalho, no lazer e na ambulação, e a combinação dessas linguagens.

A imagem naval da ancoragem funda-se no conceito metonímico, da relação entre o todo e a parte, entre continente e conteúdo, razão e efeito, entre âncora e seu ponto de suporte. O meio líquido presente na vida humana e na cultura nos fornece imagens com que construímos objetos mentais, a exemplo de *dar pé, mergulhar, emergir, boiar*. Quando incorporamos um instrumento, ferramenta ou continente para nos movermos no meio líquido, novas imagens se cunham, novas objetivações se verificam, a exemplo de *embarcar, remar, remar contra a corrente, aproar, ancorar*.

O processo mental de construção de imagens por ancoragem é predominantemente metonímico, pois que se constrói numa relação *em presença*. A fonte e o destino da imagem estão presentes, mas um não substitui o outro. Quem ancora algo em

termos reais e primários, ancora um objeto físico, uma embarcação em algum ponto sólido, no fundo do mar, lago, rio ou lagoa. Quem ancora em termos imagéticos, ancora algum objeto, conceito, idéia ou relação em outro conceito, supostamente já dado, ou disponível, em algum lugar já conhecido. A imagem complexa do instrumento chamado âncora, do objeto ancorado e de seu local de suporte capta perfeitamente a relação entre o novo objeto e o velho, entre o instrumento (a âncora) e seu local de fincamento.

O discurso humano contém simultaneamente objetivação e ancoragem, ou objetivação ancorada, como podemos ver nos exemplos seguintes, em que as declarações consistem de tópico e comentário. O tópico se objetiva, a partir de seu predicado, no qual se dá a relação metonímica dos elementos, como se ambos ocorressem e um estivesse contido no outro, do lado do outro, ou de alguma forma vinculado ao outro. Tomemos como exemplo a dissertação de mestrado de Ivo Ribeiro de Sá, *Educação Física Escolar: As representações sociais compartilhadas por professores, coordenadores e diretores*, PUC-SP, 24 de janeiro de 2001. Observemos as falas dos informantes, respondendo sobre o papel da educação física: a educação física é a **base** de tudo; a **área** principal; **fundamental** dentro da escola; um **momento** gostoso; deslocada dentro da esfera escolar; **preocupada** com a saúde e integridade dos alunos.

As falas podem conter simultaneamente ancoragem e objetivação, a exemplo das seguintes, que respondem a perguntas em que se solicita a visão da atuação profissional dos professores de educação física na escola. As respostas privilegiam formas como: trabalha com vôlei, basquete; trabalha com jogos e regras; trabalha com o espaço; trabalha com a coordenação, reflexo e atenção.

Falas que codificam a representação que os alunos têm sobre como deveria ser a educação física operam simultaneamente com objetivação e ancoragem, favorecem a metáfora e a metonímia, como se vê na resposta seguinte: devem entrar as modalidades esportivas, que é do que os alunos gostam.

A objetivação é um processo imagético do tipo metafórico, em que o item **a** substitui o item **b**, está no lugar de **b**, por algum tipo de semelhança, real ou atribuída, entre ambos os itens, quer se trate de duas formas quer de dois conteúdos. Mais uma vez, **Moscovici** é feliz ao criar a imagem, pois objetivar algo é conceber algo abstrato como se fosse objeto, logo, entidade do mundo concreto.

Em princípio, objetivamos a partir de semelhanças de alguma natureza entre o item original e o derivado. Vemos que a educação física pode ser antropomorfizada, personificada, de forma diagramática, como nos exemplos de objetivação, no discurso dos informantes de **Ivo**: educação física mexe com o corpo, com o organismo; é um universo mais amplo

Há questões que favorecem ambos os conceitos de **Moscovici**. Solicitados a nomear um objeto, um animal e uma planta com que se identificam, os informantes produzem respostas em que se pode verificar a dimensão metonímica e a metafórica. Examinando os objetos selecionados, na lista de animais e plantas, podemos dizer que a escola, como um todo, valoriza as professoras de educação física, mas as mesmas, sobretudo a professora mais velha, que está para se aposentar, se compara a grama, que é pisada.

O ponto importante é que ambas as imagens são mecanismos centrados na memória e na experiência dos membros da comunidade discursiva que estão em interação. Permitem entender o novo a partir do velho, ou tornar o mundo abstrato inteligível aos sentidos, transportá-lo para a percepção dos sentidos, para um corpo-sujeito falante que é no mundo. Se a concretização se dá em presença ou por substituição é uma questão descritiva.

Vejamos um exemplo da fala da técnica paulista Benedicta de Oliveira, da dissertação de **Gabriela Aragão**, sobre mulheres que atuam como técnicas e dirigentes esportivas. Solicitada a falar um pouco sobre sua trajetória como técnica de equipe de alto nível:

Desde quando entrei na faculdade eu já queria ser técnica. E quando eu fui para Olimpíada em 48, e vi várias equipes européias, principalmente da Cortina de Ferro, Rússia, Iugoslávia, com técnicas femininas treinando equipes masculinas, aquilo me impressionou, me chamou a atenção. Por que? Por que no Brasil nós não temos disso? Meu Deus do céu. Nem treinando equipe feminina no Brasil não tinha disso. Era um tabu aqui dentro do Brasil. E eu falei: eu vou conseguir quebrar isso.

Até que ponto a distinção entre objetivação e ancoragem é operacional, continua em aberto. Objetivação é o processo produtivo. Ancoragem é condição para que se verifique a objetivação. Portanto, ou um novo objeto é gerado, porque tem âncora, ou não o é, porque o interlocutor não tem solo, suporte contextual para o mesmo.

Considerações finais

Afinal, onde está o conteúdo do texto? No autor, na superfície textual, no leitor, ou simultaneamente nas três instâncias? Cabe refletir seriamente sobre os equívocos de uma análise do conteúdo e do discurso que se reduz ao texto, como fonte de toda interpretação. O texto é naturalmente vago, indeterminado ou mal-definido. Nele não se encontra, em sua totalidade, o conteúdo. Antes, tal conteúdo se constrói, na interação entre o conhecimento enciclopédico do leitor, a oferta de pistas do texto e hipóteses sobre as possíveis intenções do autor.

Qual a relação entre discurso verbal, imagens paradas, imagens em movimento, música, sons em geral e ruídos? Pode-se esperar sintonia entre as várias linguagens, mas não como uma hipótese forte. A expectativa é que as diferentes linguagens se reforcem mutuamente, e cooperam na construção do sentido ou dos sentidos que o mesmo sugere, insinua ou propõe, mas a tradição cultural põe o texto verbal como suporte e referência para os demais, de modo que a análise de múltiplas linguagens supõe, como tarefa preliminar, a tradução dessas linguagens para a codificação verbal.

The state of the art in the studies of discourse, content and meaning of physical education

Abstract: A semiotic theory of physical-sporting activities is formulated here, in a panchronic and uniformitarian portrait, with basis on a series of postulates of inductive and prospective nature, and of presuppositions, which offer support to a gesture-verbal theory, in a situationally given context. The social group is taken as the nuclear cell of origin, development and consolidation of new ways of production, reproduction and interpretation of symbolic activities. One assumes, by hypothesis, that there is a continuum between the polar dimension arbitrariness/motivation of the sign. The unities of meaning are postulated as objects of the analysis. The text contains suggestions for a basic program on methodology of research in the field of semiotics of physical-sporting activities and social representations. Anchoring and objectivation are proposed as analytical tools in Physical Education, as well as new alternative of research are advanced. A series of open questions are formulated.

Keywords: semiotics, postulates, social representations, anchoring, objectivation.

El estado de la arte en los estudios sobre contenido y significación en la educación física

Resumen: En un cuadro pan crónico y uniformitario se presenta en esta ponencia una teoría semiótica de las actividades físico-deportivas. La misma se sostiene en postulados de naturaleza inductiva y prospectiva, y en presupuestos para un análisis semiótica del gesto y de la palabra, dada en la situación real de comunicación. Se confiere relieve para el grupo, como punto de apertura para la producción, de la reproducción y la interpretación de las actividades simbólicas. Se acepta que hay un continuo entre arbitrariedad y motivación en el uso del signo. La significación se establece como unidad de análisis. En el texto se sugiere también un programa nuclear en metodología de la investigación semiótica de actividades deportivas e de representaciones sociales. Ancoraje y objetivación se formulan como herramientas de análisis. Un cuerpo de cuestiones se presenta, que merecen la pena ser estudiadas, en el contexto semiótico.

Palabras clave: semiótica, postulados, representaciones sociales, ancoraje, objectivación.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. 1997
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa: Edições Setenta, 1987.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BAUER, Martin W. e George Gaskell. 2002. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Rio: Vozes, 2002.
- BLOOM, Harold. *The Anxiety of Influence*. Oxford: Oxford University Press, 1973.
- CAMINHA, Pêro Vaz de. *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*. Comissão executiva das comemorações do V Centenário de Pedro Álvares Cabral. Lisboa. 1968.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- DAVIDSON, Donald. *What do Metaphors Mean?* Oxford: Oxford University Press, 1984.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix.
- ECO, Umberto *et al.* *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Perspectiva: São Paulo, 1989.

Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 47-65, janeiro/abril de 2003

- EPSTEIN, Isaac. *O signo*. São Paulo: Ática, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Interpretação*.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio: Guanabara/Koogan. Introdução
- GIDDENS, Anthony e Jonathan Turner (orgs). *Teoria social hoje*. São Paulo: UNESP, 1999.
- GOULD, Stephen Jay. O Sorriso do Flamingo. Reflexões sobre História Natural. São Paulo: Martins Fontes. *Sexo, drogas, desastres e a extinção dos dinossauros*.
- GUINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio: Zahar. Introdução.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições Setenta, 1987.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia, e solidariedade*. Lisboa: Presença, 1995.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ZALUAR GUIMARÃES, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. Rio: Francisco Alves. Texto de Malinowski, 1990.

Recebido em: 08/04/2003

Aprovado em: 28/04/2003

Rua Benjamin Batista, 15/201,
Jardim Botânico
Rio de Janeiro
CEP 22461- 120
Telefone: (021) 535 2134,
Fax: 537 2643
email: sebastianovotre@yahoo.com
